

CAPÍTULO 5

SOB O OLHAR DA PESQUISA - O QUE OS BOMBEIROS NOS REVELAM SOBRE O ESTRESSE E A MENTE

Nessa seção será abordado a discussão a partir dos resultados obtidos através da aplicação do questionário Sociodemográfico e ocupacional, além da Lista de Eventos Traumáticos Ocupacionais para Profissionais de Emergência (LET-PE) com intuito de levantar os eventos estressantes e traumáticos mais prevalentes no exercício laboral dos bombeiros militares na cidade de Manaus, Amazonas.

A análise das variáveis sociodemográfica teve como objetivo descrever as características dos profissionais participantes da pesquisa em relação ao gênero, faixa etária, cor ou raça, estado civil, se tem filhos e escolaridade, visto que essas variáveis possam estar associado a potencialização do estresse entre os profissionais que realizam suas atividades laborais frente as situações estressantes ou traumáticas.

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos bombeiros militares em exercício laboral no Município de Manaus, Amazonas.

VARIÁVEIS	n (252)	%
Gênero		
Feminino	53	21,0
Masculino	199	79,0
Faixa Etária		
30 a 39	102	40,5
40 a 49	136	54,0
50 a 59	14	5,5
Cor/Raça		
Amarela	1	0,4
Branca	46	18,3
Parda	189	75,0
Preta	16	6,3
Estado Civil		
Solteiro(a)	47	18,7
Casado(a)	186	73,8
Divorciado(a)	17	6,7
Viúvo(a)	2	0,8
Filhos		
Sim	206	81,7
Não	46	18,3
Escolaridade		
Fundamental completo	2	0,8
Médio incompleto	2	0,8
Médio completo	25	9,9
Superior incompleto	50	19,8
Superior completo	173	68,7

Em relação ao gênero desses profissionais, a pesquisa demonstra que a maioria dos participantes (79,0%) correspondem ao gênero masculino, sendo quase que similar às taxas encontrada em outros profissionais que lidam com situações de emergências (75,15%) localizados no Estado do Rio Grande do Norte (Nascimento et al. 2022).

Este resultado evidenciou a prevalência do gênero masculino, tal como nos estudos realizados por Weingertner (2017), Teoh (2019), Vasconcelos et al. (2021), e Bueno (2023), destacando-se como uma profissão que ainda não possui uma adesão significativa pelo público do gênero feminino.

De acordo com pesquisa “Perfil das Instituições Policiais”, coordenada pelo Ministério da Justiça e da Segurança Pública, em 2021 o Brasil contava com 394.882 policiais militares, dos quais apenas 12% eram do sexo feminino. Neste cenário, nosso estudo demonstra que a baixa frequência da presença feminina continua sendo uma realidade no país, apesar da mesma variar de acordo com o Estado brasileiro (Bueno, 2023, p.5).

O fato de haver mais bombeiros militares (BM) em exercício laboral do gênero masculino predominante nesse estudo não é exceção, visto que os autores citados anteriormente nos seus estudos esse quantitativo elevado também foi observado.

De acordo com Santos, Caldas (2024), discutir temáticas e argumentações predominante ao público masculino, que representa a grande maioria dos BM seria relevante concentrar esforços em pesquisas futuras na população femininas, visto que poderão trazer à tona aspectos não considerados em estudos de predomínio masculino.

Quando se verifica a faixa etária, observa-se que a idade dos bombeiros variou entre 30 e 53 anos, sendo que o maior número dos profissionais se encontra na faixa etária compreendida entre 40 a 49 anos (54%), tendo ainda a segunda maior faixa etária entre 30 a 39 anos (40,5%), perfazendo idade média de 41,0 anos.

Nos estudos realizados por Teoh et al. (2020) e Vasconcelos et al. (2021), as idades médias da população de bombeiros foram respectivamente iguais a $27,7 \pm 3,5$ e $27,7$, destacando que os participantes de nosso estudo possuem idade média acima da faixa etária de adultos jovens.

Esses números podem ser comparados com um estudo realizado com bombeiros militares residentes e domiciliados no estado do Rio Grande do Norte e do estado da Paraíba em que mostra que a maioria dos profissionais estão na faixa jovem adulta (21 a 40 anos), com média de 35 anos, tendo um desvio padrão de 7,52 anos (Moura, Anchieri e Lucena, 2014).

Já em uma pesquisa mais recente realizado por Santos, Caldas (2024), a faixa etária dos BM compreendia entre os 31-40 anos (39,6%), tendo uma média de idade na pesquisa de 41,7 anos, apresentando uma média próxima ao desse estudo.

No que concerne à cor, está comprovado que de um modo geral, que a população do Estado do Amazonas, é prioritariamente da cor parda, em virtude da miscigenação

característico na região, entretanto, no último trimestre do ano de 2022, o IBGE (2022) registrou que 77,7% da população do Estado do Amazonas é de cor parda.

Em consonância, em um estudo realizado por Lima, Assunção e Barreto (2013) intitulado “Tabagismo e estressores ocupacionais em bombeiros - 2011”, observou que em relação as características sociodemográficas de bombeiros de Belo Horizonte (MG) em especial em relação etnia/cor da pele, cerca de 51,8% afirmaram ser da cor da pele parda.

Em estudo realizado por Vasconcelos et al. (2021), em bombeiros brasileiros, a cor parda representou 46,2% da amostra, sendo inferior a encontrada em nosso estudo, tendo em vista que o referido estudo incluiu bombeiros de outros municípios brasileiros. Apenas em estudo realizado por Azevedo et al. (2019), com a mesma população, houve predomínio da cor parda entre os participantes, sendo o mesmo igual a 51,8%.

Nota-se que nos estudos citados anteriormente em relação a cor, a predominância da cor parda, esse fato se dá em virtude de vivemos em um país e regiões com diversos aspectos transculturais, entretanto não há evidências e estudos relacionado essa variável com os eventos estressantes e traumáticos, além do surgimento de algum TMC como o TEPT.

Quanto a variável relacionada ao estado civil, nosso estudo apresentou que 73.8% de bombeiros militares são casados. Diferentemente do estudo realizado por Vasconcelos et al. (2021), cuja frequência de casados foi igual a 15,3%, bastante inferior à frequência encontrada no BM do CBMAM. Por outro lado, em estudo realizado por Azevedo et al. (2019), houve prevalência de bombeiros casados (55,4%), além de um estudo realizado Moura, Alchieri e Lucena (2014), na qual 58,3% dos sujeitos afirmaram ser casados, porém com frequência inferior à do nosso estudo realizado.

Levando em consideração essa variável, fica uma reflexão visto que o estado civil pode ser um fator importante de proteção, sendo um indicador positivo e a favor da saúde psicoemocional do BM, pois o relacionamento e companheirismo pode permitir o compartilhamento das tarefas e de suas demandas.

Com relação ao número de filhos, este estudo destacou que (81,7%) possuem filhos, cuja quantidade variou entre um e seis filhos, sendo as quantidades média de filhos igual a 2,0. Inferior à frequência encontrada entre os nossos participantes, no estudo realizado por Azevedo et al. (2019) predominou a presença de filhos, representando uma frequência de 53,1%. Assim como no estudo realizado por Lima, Assunção e Barreto (2013), cuja variável demonstrou que 53,1% dos bombeiros militares tinha filhos.

Ao verificar à escolaridade dos profissionais que participaram deste estudo, (68,7%) possuem nível superior completo, destacando-se que nos estudos de Azevedo et al. (2019) e de Vasconcelos et al. (2021), a maioria possuía nível médio, correspondendo respectivamente às frequências 66,0 e 43,1% desta população.

Já no estudo realizado por Souza, Prado e Souza (2020), quanto a descrição das variáveis sociodemográficas, em especial a variável atrelada a escolaridade, nota-se que mais da metade 56,25% dos bombeiros participantes do estudo possuíam apenas o ensino médio, o que difere deste estudo.

Destaca-se ainda, que as variáveis relacionadas as características sociodemográficas dos BM em exercício laboral são fatores importantes para o melhor enfrentamento do estressores vivenciados durante suas atividades laborais, visto que os mesmos podem ser tanto um fator protetivo como de risco para o surgimento de um TMC.

Tabela 2 - Características laborais e econômicas dos bombeiros militares no Município de Manaus, Amazonas.

VARIÁVEL	n (252)	%
Graduação ou Posto		
Cabo	100	39,7
Sargento	69	27,4
Subtenente	28	11,1
Major	2	0,8
Tenente Coronel	1	0,4
Tenente	52	20,6
Tempo de Serviço		
Até 3 anos	26	10,3
Entre 4 e 9 anos	9	3,6
Entre 10 e 19 anos	6	2,4
20 anos e mais	211	83,7
Renda Familiar		
Até 3 SM	13	5,2
Entre 4 e 5 SM	83	32,9
Entre 6 e 9 SM	107	42,5
10 SM e mais	49	19,4

No que se refere ao perfil laboral e econômico dos participantes, especificamente acerca da graduação ou posto dos bombeiros militares, prevaleceu (39,7%) de cabos, correspondendo está frequência à maioria da amostra, se apresentado um pouco abaixo da frequência encontrada em estudo realizado por Azevedo et al. (2019), cujo posto mais frequente foi igualmente o de cabo, o qual representou 45,3% dos participantes.

Entretanto no estudo realizado por Souza, Prado e Sousa (2020), observa-se que a principal graduação ou patente dos bombeiros militares correspondem ao de sargento (48,48%) do total da amostra, porém a segunda maior graduação ou posto deste estudo está realizado ao de sargento (27,7%) o que difere dos outros estudos e realidades culturais.

Já em relação ao tempo de serviço, nota-se que a maioria dos participantes do estudo possuem um tempo superior a 20 anos ou mais (83,7%). Na pesquisa realizada por Oliveira e Moraes (2021) com os bombeiros militares do Espírito Santo e sua relação com a organização do trabalho, os mesmos descrevem que o tempo de trabalho na corporação

da sua amostra foi desde os três aos trinta anos, resultando em um tempo médio de 11,48 anos de trabalho.

Porém Lima, Assunção e Barreto (2013) observam em sua pesquisa que em relação ao tempo de serviço da maioria dos bombeiros militares na instituição foi de três anos (64,7%) o que difere significativamente desse estudo.

Os BM exercem funções ativas e permanecem na instituição por 30 anos, além do que grande parte estão expostos a agentes nocivos no trabalho, por aproximadamente um terço de suas vidas, havendo um predomínio de profissionais entrevistados ativos na instituição entre 11 e 20 anos, cumprindo uma carga horária que varia entre 40 a 60 horas semanais (Santos, Caldas, 2024).

Considerando a renda familiar, a maioria dos participantes recebem de seis até nove salários mínimos por mês (42,5%), sendo um pouco acima da renda familiar relatada por Azevedo et al. (2019) com a mesma população de referência. Apesar deste resultado, não se pode concluir que os bombeiros do município de Manaus recebam salários maiores, tendo em vista que o valor do salário mínimo no Brasil é ajustado anualmente. Segundo Lima, Assunção e Barreto (2015), quanto à renda familiar mensal dos bombeiros militares participantes do estudo, 41,6% declararam entre 3 até 5 salários mínimos

Levando em consideração ainda a questão da renda familiar, em um estudo realizado por Souza, Prado e Sousa (2020), cerca de 62,5% dos bombeiros militares disseram que não recebem salário suficiente.

Tabela 3 - Questões relacionadas à saúde mental dos bombeiros militares em exercício laboral no município de Manaus, Amazonas.

DISCRIMINAÇÃO	RESPOSTA				n
	Sim	%	Não	%	
Enfrentou algum problema psicológico ou mental?	61	24,2	191	75,8	252
Algum médico lhe diagnosticou com transtorno de ansiedade?	40	15,9	212	84,1	252
Já fez ou faz acompanhamento psiquiátrico ou psicológico?	43	17,1	209	82,9	252

No quesito relacionado aos aspectos gerais à saúde mental dos bombeiros participantes deste estudo, 24,2% já enfrentaram algum problema psicológico ou mental, e 15,9% foi diagnosticado por algum médico com transtorno de ansiedade, além de 17,1% já fez ou faz acompanhamento psiquiátrico ou psicológico. Em estudo realizado por Vasconcelos et al. (2021), foi relatado que 3,1% dos bombeiros já foram diagnosticados com algum transtorno mental, apontando que 1,5% possui sintomas relacionados ao transtorno de ansiedade. Se comparado ao estudo em referência, nosso estudo destacou

frequências preocupante de bombeiros que já enfrentaram algum problema psicológico ou mental (24,2%), previamente diagnosticados com transtornos de ansiedade (15,9%), e que já fizeram ou fazem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico (17,1%).

Na amostra pertencente a pesquisa realizada por Oliveira, Moraes (2021), 66% dos bombeiros militares relatam sintomas de algum dos transtornos mentais em algum nível acima do normal, tendo um destaque para a Ansiedade (54,5%) e o Estresse (49,27%).

Observa-se que na pesquisa realizado por Moura, Alchieri e Lucena (2014), em relação à possível realização de acompanhamento psicológico, na qual 89,8% dos participantes relatou não ter realizado acompanhamento psicológico anterior. De acordo com o estudo de Lima, Assunção e Barreto (2015), quanto à saúde, 20,7% dos bombeiros informaram diagnóstico clínico para alguma doença crônica e 16% relataram problemas de saúde mental no passado.

Nesse sentido, conforme Areosa (2021), afirma que a saúde mental no ambiente de trabalho está diretamente relacionada à percepção de que os trabalhadores têm vários aspectos de suas atividades laborais, sejam eles positivos ou negativos. A abordagem da psicodinâmica do trabalho, conforme definida por Dejours (1994), explora precisamente as consequências que as condições de trabalho exercem sobre a saúde mental, destacando tanto o prazer que o trabalho pode proporcionar quanto o sofrimento que pode resultar de sua exigência.

A saúde mental no trabalho não é influenciada apenas pelas condições laborais, mas também por uma combinação de fatores pessoais e sociais que afetam o bem-estar dos trabalhadores, sendo necessário levar em consideração recursos pessoais, como resiliência, autoeficácia e competências emocionais, pois desempenham um papel crucial na mitigação dos efeitos negativos do estresse ocupacional (Hirschle, Gondim, 2020).

Fica então a reflexão de que o ambiente de trabalho, juntamente com as características relacionadas a graduação ou posto, além do tempo de serviço desses profissionais frente ao exercício laboral impacta diretamente nas demandas psicológicas.

Além das características sociodemográficas e laborais, é importante considerar que os aspectos individuais, como idade, estado civil e escolaridade, podem influenciar a percepção e o enfrentamento do estresse ocupacional. Profissionais mais experientes ou com maior suporte familiar podem apresentar maior resiliência frente às situações traumáticas, enquanto aqueles em início de carreira ou sem rede de apoio podem se mostrar mais vulneráveis. Essa interação entre fatores pessoais e contextuais reforça a necessidade de compreender o estresse ocupacional de forma integrada, considerando tanto as demandas do trabalho quanto os recursos internos e externos disponíveis a cada bombeiro.

Em relação a análise da proporção dos eventos estressantes e traumáticos, foi utilizado o instrumento denominado Lista de Eventos Traumáticos Ocupacionais para Profissionais de Emergência (LET-PE), previamente validado para a população brasileiro por Lima et al. (2016) possui como finalidade descrever com que frequência os profissionais de emergência se expõem aos eventos traumáticos ocupacionais. Neste contexto, a população de bombeiros do município de Manaus foi submetida a avaliação por meio do referido instrumento.

A análise da exposição a eventos estressantes e traumáticos entre os bombeiros militares de Manaus, conforme mensurada pelo LET-PE, revela nuances importantes sobre a vivência ocupacional desses profissionais. Como demonstrado na Tabela 4, a maioria dos participantes (64,7%) relatou não ter vivenciado nenhum evento traumático significativo durante seu exercício laboral, enquanto uma parcela considerável (32,1%) identificou ao menos um evento que lhes causou impacto. Apenas uma minoria relatou ter se acostumado às situações (2,4%) ou ter experienciado todos os eventos listados (0,8%) durante o exercício laboral.

Tabela 4 – Frequência geral de bombeiros militares em exercício laboral no município de Manaus, Amazonas que relatam vivenciar evento traumático presente no LET-PE.

RESPOSTA	n (252)	%
Nenhum evento	163	64,7
Todos os eventos	2	0,8
Se acostumou	6	2,4
Listou o evento*	81	32,1

Esses resultados sugerem que, embora a rotina de bombeiros envolva riscos inerentes, nem todos os profissionais se deparam com experiências traumáticas de forma direta ou frequente.

Ao aprofundar a análise, a Tabela 5 apresenta a frequência dos eventos que mais incomodaram os participantes, considerando aqueles que foram identificados como impactantes. Destaca-se que a morte de uma criança foi o evento mais relatado (31%), seguida por desastres com múltiplas vítimas (17,3%) e acidentes envolvendo várias vítimas simultaneamente (14,8%). Outros eventos de menor ocorrência, mas igualmente relevantes, incluíram traumas múltiplos, morte de pacientes após manobras de RCP e situações que envolviam familiares ou conhecidos.

Tabela 5 - Frequência por evento que mais incomodou os bombeiros militares em exercício laboral no município de Manaus - Amazonas, presente no LET - PE.

EVENTO		n (81)	%
1	Morte de uma criança	25	31,0
2	Desastres	14	17,3
3	Criança gravemente ferida	3	3,7
4	Atender parente ou amigo próximo	4	4,9
5	Ameaça de agressão física a você	1	1,2
7	Agressão física à colega de trabalho	1	1,2
8	Atender bebê com morte súbita	1	1,2
9	Abuso sexual de uma criança	3	3,7
10	Várias vítimas ao mesmo tempo	12	14,8
11	Vários eventos em um curto período de tempo	1	1,2
12	Atender acidente com queimaduras graves	2	2,5
13	Traumas múltiplos	5	6,2
14	Paciente que se pareça com você ou um familiar	4	4,9
15	Morte de paciente após manobra de RCP	5	6,2

Essa distribuição evidencia que determinados tipos de eventos, especialmente aqueles envolvendo crianças ou múltiplas vítimas, possuem um potencial traumático mais significativo, refletindo não apenas a frequência da exposição, mas também a intensidade do impacto psicológico experimentado.

É particularmente relevante destacar que eventos envolvendo crianças ou múltiplas vítimas aparecem como os mais impactantes, corroborando estudos internacionais que associam alta carga emocional a traumas com vítimas vulneráveis. Esses achados indicam que a natureza do evento, e não apenas sua frequência e determinante para o impacto psicológico. Reconhecer esses eventos como gatilhos significativos para sofrimento mental permite direcionar ações estratégicas, como supervisão psicológica imediata após ocorrências críticas e treinamentos específicos em manejo emocional durante operações de alto risco.

Os bombeiros militares atuam no resgate e busca de vítimas em ambientes que põem em risco a própria vida e a de terceiros, a saber: desmoronamentos, desastres, incêndios, acidentes de trânsito; como também possuem um contexto organizacional que contribui para o aumento do estresse, como regulamentações quanto ao tempo de deslocamento, não devendo ultrapassar 60 segundos, turnos de trabalho de 24 horas e hierarquia rígida (Cremasco, Constantinidis, Da Silva, 2008 ; BRASIL, 1988; Monteiro et al., 2007). Nesse sentido, Pires (2016), as exigências conferidas a esses profissionais são amplificadas de acordo com as atividades de risco à vida, a intensidade durante os períodos laborais e as rigidezes do próprio âmbito militar.

Segundo Batista, Magalhães e Leite (2016), os bombeiros militares desempenham diversas atividades, principalmente as operacionais, destacando-se: o atendimento pré-hospitalar, desencarceramento de vítimas de acidentes veicular, salvamentos aquáticos, terrestres e em alturas, além de combate a incêndios, capturas de animais, palestras de prevenção, etc.

Diante dos eventos traumáticos, Sousa, Prado, Sousa (2020), afirmam que esses profissionais demandam alto grau de comprometimento físico e mental durante sua atividade operacional, fazendo com que transfira toda sua energia vital em prol do bem-estar do outro (população, vítima, solicitante), e na menor possibilidade de erro, vidas estão em risco, seja do BM, quanto da vítima, fato este gerador de estresse em cada toque, deixando-os mais sujeitos ao desenvolvimento de estresse no trabalho.

“O estresse faz parte da profissão de bombeiro militar, no entanto, é necessário a corporação realizar ações para sua mitigação, como: aumento de salários, novos equipamentos, aumento do efetivo, aumento do período de descanso entre as jornadas de trabalho operacional” (Batista, p.175, 2022).

Esses achados permitem compreender melhor a complexidade do estresse ocupacional na rotina do bombeiro militar, indicando que a simples frequência de exposição não traduz integralmente a vulnerabilidade emocional dos profissionais. Ao contrário, a percepção de impacto e a natureza do evento parecem desempenhar papel crucial na experiência traumática, abrindo espaço para discussões sobre estratégias de prevenção, manejo do estresse e suporte psicológico direcionado.

Em síntese, é possível observar que os resultados revelam uma realidade silenciosa: sob a imagem de força e controle, há bombeiros que convivem com lembranças dolorosas e sobrecarga emocional. Esses achados reforçam a urgência de estratégias institucionais voltadas ao cuidado psicológico, prevenção do adoecimento mental e fortalecimento do suporte emocional dentro das corporações.

O cuidado com a saúde mental dos bombeiros deve ser compreendido como responsabilidade compartilhada entre o indivíduo, a corporação e o sistema de políticas públicas. Além do suporte psicológico e de protocolos institucionais, é necessário investir em cultura organizacional que valorize o diálogo, a escuta e a prevenção, promovendo resiliência e autocuidado. Só assim será possível equilibrar o compromisso com a vida alheia e a preservação da integridade física e emocional dos profissionais, garantindo que a rotina de salvamento não se transforme em fonte contínua de sofrimento silencioso.